

A “política” entre o desejo e a proibição nos diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965)

Mariana Diniz Mendes¹

Resumo

O presente artigo analisa os diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965) pelo viés das teorias feministas que contribuem para identificar, no conjunto formado pelos 62 diários da memorialista, as estruturas de poder que engendram uma mulher de sua classe. Casada com o escritor e político Valdomiro Silveira (1873-1941), cujo acervo pessoal foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), Maria Isabel, com rigor e disciplina, escreveu sobre si e, conseqüentemente, sobre sua época. A voz que ecoa das páginas é comedida, controlada e ilumina a posição social, a ideologia dominante e os papéis esperados da mulher que emerge na virada do século XIX para o XX, em cidades como São Paulo e Santos. Observa-se, na escrita diarística, uma performance autoral como estratégia representacional. A utilização de códigos quando quer registrar e simultaneamente esconder se torna um recurso. Na linguagem cifrada de Maria Isabel encontra-se o termo “política” utilizado para designar o período menstrual. A associação do termo com o estado fisiológico é um convite para analisar os diários como arquivo do feminismo. O conceito de performatividade de gênero, de Judith Butler, é utilizado para revelar a linguagem como “ato constitutivo da experiência subjetiva.”

Palavras-chave: Diários; Memórias; Teoria feminista; Arquivo feminista.

Abstract

This article analyzes the diaries of Maria Isabel Silveira (1880-1965) from the perspective of feminist theories that help identify, in a collection of 62 diaries, the power structures that engender a woman of her class. Married to the writer and politician Valdomiro Silveira (1873-1941), whose personal collection was donated to the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo (IEB-USP), Maria Isabel is rigorous and disciplined when writing about herself and, consequently, about her time. The voice that echoes from the pages is measured, controlled, and illuminates the social position, the dominant ideology, and the roles expected of women emerging at the turn of the 19th to the 20th century, in cities such as São Paulo and Santos. In the diary writing, an authorial performance can be observed as a representational strategy. The use of codes when she wants to

¹ Doutoranda com bolsa de auxílio à pesquisa (Capes) no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mariana.mendes@usp.br.

simultaneously record and hide becomes a resource. In Maria Isabel's encrypted language, we find the term "politics" used to designate the menstrual period. The association of the term with the physiological state is an invitation to analyze the diaries as an archive of feminism. Judith Butler's concept of gender performativity is used to reveal language as a "constitutive act of subjective experience".

Keywords: Diaries; Memories; Feminist theory; Feminist archive.

Se um mundo pode ser o que aprendemos a não perceber, perceber torna-se um tipo de trabalho político.

Sara Ahmed²

O presente artigo analisa os diários de Maria Isabel Silveira (1880–1965) pelo viés das teorias feministas que contribuem para identificar, no conjunto formado pelos 62 diários da memorialista, as estruturas de poder que engendram uma mulher de sua classe — a burguesia³ que emerge na virada do século XIX para o XX, em cidades como São Paulo e Santos, marcada pela crescente urbanização e pelos novos hábitos de consumo. Casada com o escritor e político Valdomiro Silveira (1873–1941), cujo acervo pessoal foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), em 2006, Maria Isabel Silveira, com rigor e disciplina, escreveu sobre si e, conseqüentemente, sobre sua época. As lentes das teorias feministas antevêm o sexismo que marca os diários. O material analisado se deu a conhecer pelo prestígio alcançado pelo marido de Isabel, estimulando a pergunta: quanto do que as mulheres escreveram não terá se perdido? Isolado, o conjunto de diários de Isabel dificilmente encontraria uma instituição que o preservasse, pois a perspectiva da história oficial, como explica Michelle Perrot, tende a privilegiar matérias do espaço público, guerras, feitos políticos, conquistas territoriais, onde mulheres pouco circulavam.⁴ As instituições de custódia como espaços vinculados ao poder⁵ apenas reforçam o silenciamento sobre a história das mulheres. Nessas circunstâncias, infelizmente, a célebre frase de Michelle Perrot, “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”,⁶ persiste e aponta uma realidade a ser transformada. Diante do universo em que o léxico gira em torno, principalmente, de “escassez”, “ausência”, “lacuna” e “falta”, os diários de Isabel compõem um potente arquivo para uma leitura feminista.

2 AHMED, S. **Viver uma vida feminista**. Traduzido por Jamille Pinheiro dias, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 61.

3 O artigo adota como conceito de burguesia o fenômeno que surge da estratificação social que advém da crescente urbanização de São Paulo e a emergência da República. Com a burguesia, inaugura-se uma nova mentalidade baseada na ideia de civilidade, irradiada no continente europeu.

4 PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. V. 9. N. 18, ago./set. 1989.

5 SIMONET-TENANT, F. Cartas e diários de mulheres: uma função memorialística? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 68, 84-100, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i68p84-100>. Acesso em: 18 nov. 2024.

6 PERROT, 1989, p. 9.

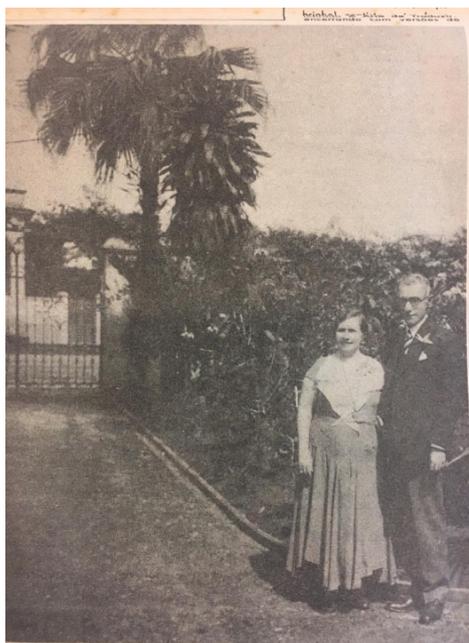


Fig. 1. Isabel e Valdomiro. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro da Silveira, código de referência VS-F-002

Quarta dos nove filhos de Maria da Glória Quartim de Moraes e João Correa de Moraes, Maria Isabel Silveira nasceu em 10 de agosto de 1880 em São Paulo, vindo a falecer em 19 de agosto de 1965, na mesma cidade. Educada com base no catolicismo, cresceu em uma família letrada, em que pai e mãe cultivavam a leitura e tinham pretensões literárias. Portanto, seria equivocado supor que o pendor de Isabel pela escrita tivesse nascido exclusivamente de sua relação com o marido. Se, por um lado, o pai de Isabel é uma figura apagada nos diários (cedo ele abandona a família, deixando a prole aos cuidados da mulher), a voz da mãe de Isabel, cujo apelido carinhoso é Maricota, se sobressai.⁷ É bem possível que tenha sido a matriarca a inaugurar a linhagem memorialista seguida por Isabel e quiçá por parte de outras mulheres da família (Yone Quartim, Helena Silveira e Isa Silveira).

Se, por um lado, a escrita preservada nos cadernos de Maricota (o material encontra-se no mesmo acervo) se percebe errática, Maria Isabel escreve com regularidade e disciplina. O mar de diários deixado por Isabel fez com que a pesquisa se desenvolvesse em etapas. Em um primeiro momento, me ocupei da gênese e da genealogia da memorialista. Nessa fase, chamou atenção a voz comedida e controlada, distante do tom confessional, reflexivo ou sujeito a fabulações. O pacto de Isabel é com a ideia de autenticidade, mas não apenas, como tentarei demonstrar. Ao avançar nos anos, me aprofundo e percebo as entranhas do patriarcado em uma escrita que apresenta um movimento sutil e dialético: os diários aderem aos discursos da época, mas o controle no uso da linguagem expõe uma impostura e uma construção reiterativa que flagram uma performatividade de gênero, teoria desenvolvida e revisada por Judith Butler.

7 Na *Frontería* – Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada, v. 3, n. 1, publiquei um artigo em que me dedico a estudar os cadernos de Maria da Glória Quartim de Moraes. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/3488>. Acesso em: 28 nov. 2023.

Assim como boa parte de nossa literatura, os diários são escritos sob o “expediente da correção” moral. O termo empregado pela crítica Eliane Robert Moraes explica os obstáculos enfrentados pela literatura licenciada em nosso país, uma vez que o Brasil é atravessado por “fortes marcas da moral cristã e do jugo patriarcal”.⁸ A escrita de Isabel é dirigida para refletir uma boa imagem da família e dela própria, e nota-se um apelo à felicidade. O choro, a tristeza, os aborrecimentos, os nervosismos surgem inúmeras vezes nas entradas, mas são abafados, ora por um ponto final, ora pela mudança brusca de assunto. Os diários escondem mais do que revelam, como se vê nas entradas inaugurais do diário de 1926:

1) sexta-feira. Só saí à noite com Valdomiro, no bonde 23. À noite fiquei **nervosa e triste**.⁹ Isa está em S. Paulo, desde ontem foi assistir com a Júnia um baile de [ilegível]. Comemos um peru e leitão. Ganhamos 1 cheque de 3 contos dos Fracarollí. Ontem uma linda cesta com vinhos e cousas do Natal. Nenezinha, Chico e Rodriguinho estão aqui há um mês. Recebemos telegramas de Marietta, Alberto Leal, tio Souza e cartões dos sobrinhos Gracinha, Lia e Yone.¹⁰

2) sábado. Fui ao dentista (a família dele vai comigo para Cambuquira). Depois do almoço fui com Nenezinha até S. Vicente e na volta descemos na Ilha Porchat onde estivemos em conversa com o Eugenio Boncoult, a quem fui pedir acomodações para Júnia e Amílcar, que breve irão a Lindóia. Incumbi-o de vender os nossos terrenos e o piano. Nenezinha falou sobre o aparelho que a D. Dulce, mulher dele viu (veio conosco no auto) e gostou muito. Propusemos negócios e negócios! Convidaram-nos para irmos almoçar na Ilha, no dia 6, para comermos costeletas de carneiro criado lá mesmo. Valdomiro voltou de S. Paulo com Belkiss e Miroel no último trem. Foram visitar a família. A Isa não quis vir. (...) Acordei quando as crianças chegaram, tendo ficado depois muito **nervosa, chorei muito desesperadamente... A vida é um inferno!**¹¹

15) quinta. Zezé veio incumbir-me de passar cartões para uma festa em benefício do desastre do Mte Serrat. A minha zona: Rua do Comércio. Isa irá comigo. [...] **Ando tão cansada e triste!**¹²

12) terça. Sinto agora um verdadeiro prazer em ser dona da minha casa. Anda tudo como quero. **Estão abolidas as conversas tristes, queixas de doença e de outras qualidades.** Nenezinha está proibida de se queixar, seja do que for... Essas cousas dão azar. Recebemos depois do almoço uma cesta com ótimas bananas de D Judith, da Farmácia Brasil que me escreveu um cartão agradecendo o berloque que há meses lhe dei. Diz ela que apesar da

8 MORAES, 2023, p. 37.

9 Todos os grifos são meus.

10 1º de janeiro de 1926, diário de Maria Isabel Silveira.

11 2 de janeiro de 1926, diário de Maria Isabel Silveira.

12 15 de março de 1928, diário de Maria Isabel Silveira.

*crise, ele fez-lhe o favor de endireitar os seus negócios liquidando tudo com a maior felicidade.*¹³

Exemplos como esses permeiam os diários compreendidos entre 1925 e 1932. Quando as contrariedades aparecem, nunca são acompanhadas de justificativas ou explicações. É como se a escrita estivesse forçada a estar em consonância com a expectativa de um percurso a ser trilhado pelas mulheres: casar-se, ter filhos e, portanto, estar feliz. No entanto, por mais que a diarista dissimule, os diários abrigam, senão uma tristeza, no mínimo incômodos alojados na escrita. Sara Ahmed, em *Viver uma vida feminista*, faz um paralelo de histórias arquivadas pelo feminismo com o romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, que tomo de empréstimo pela comparação produtiva com os diários de Isabel, que, em 8 de agosto de 1925, registra: “8) sábado. Trabalhadora enorme e aborrecimentos ainda maiores. O saneamento não veio colocar o que ainda falta. Ando num rodopio o dia inteiro”.

*Mrs. Dalloway não explica as causas de seu sofrimento. Ela está ocupada demais com a preparação de sua festa. Tanta tristeza revelada na necessidade de estar ocupada, tanto sofrimento expresso na necessidade de não se deixar abater pelo sofrimento.*¹⁴

O principal elemento dos diários de Maria Isabel Silveira, no período de 1925 até 1931, é a vida familiar, sendo mínimo o espaço ocupado pela subjetividade, matéria rara. Os diários cobrem os principais afazeres dos cinco filhos e do marido e Isabel esmera-se em documentar o cotidiano familiar, sem deixar passar qualquer detalhe:

*12) sexta. Chuviscoso o dia e a noite chuva forte, que refrescou muito. Costurei desde cedo. **Nenezinha** [irmã de Isabel] tingiu fazendas e esteve ocupada com as costuras. D. Ema foi para S. Paulo. Odete, **Alda** [enteada de Isabel] e Célia almoçaram conosco. As primeiras foram para o apartamento de Odete. Isa e Célia foram à cidade para fazer compras. **Isa** [filha de Isabel] quer por cortinas no seu quarto e está bordando paninhos para enfeitá-lo. Alice escreveu a Isa contando que **Belkiss** [filha de Isabel] se divertiu muito em Campinas no carnaval. Não se escrevi a ninguém.*¹⁵

Diante de diários de feição bem-comportada, eis que surgem os enigmáticos códigos, empregados com a intenção de ocultar. Os mais recorrentes são quatro: três pertencem à família dos números romanos, “V”, “VIII” e “X”, e um quarto consiste na palavra “política” escrita fora de contexto. Novos códigos vêm sendo encontrados à medida que a pesquisa avança, como as sequências de números “435” e “154”, o uso da letra “T” ou as abreviações “F”, “Fne”. É possível observar derivações surgirem a partir da matriz principal como: “VIIIduplo”, “154d”, “dor de cabeça apoliticada”. Neste artigo, abordo a ocultação forjada pela autora ao relacionar o termo “política” ao período menstrual, o único dos códigos desvendados até aqui. A diarista se utiliza do recurso criptográfico para tentar camuflar seu estado fisiológico.

13 12 de abril de 1932, diário de Maria Isabel Silveira.

14 AHMED, 2022, p. 103.

15 12 de fevereiro de 1932, diários de Maria Isabel Silveira.

Antes de me concentrar no código utilizado por Maria Isabel, um sobrevoo pelos estudos diarísticos mostra que, embora os diários sejam dotados de ampla liberdade formal, os pesquisadores “tentam descobrir as leis profundas e os ritmos desse gênero”.¹⁶ Nesse contexto, o recurso para tornar o diário um espaço inviolável, pelo procedimento de cifrar informações, é notado como um método comum entre exímios diaristas. São variadas as formas de fechar a escrita em si, passando pelas estratégias mais simples, como a substituição de nomes e sobrenomes pelas respectivas iniciais, até elaborações mais complexas, como as associações entre números e momentos recorrentes vividos, como ocorre nos diários de Benjamin Constant. Há os casos de empréstimos de língua estrangeira (Stendhal e Valéry Larbaud) ou sistemas mais sofisticados, como o encontrado no diário de Adèle Hugo, que inverte a ordem das letras de palavras curtas e a ordem das sílabas de palavras mais longas, e utiliza o método para relatar os episódios de sua vida sentimental. Em comum nestes casos, todos descritos pela estudiosa francesa Françoise Simonet-Tenant, há o desejo de criar uma linguagem privada.¹⁷ Em diários de mulheres brasileiras, observa-se o uso das iniciais no *Álbum*, de Maria Firmina dos Reis,¹⁸ mas desconheço a discussão do tema em outros diários, como *Minha vida de menina*,¹⁹ de Helena Morley, *Quarto de despejo*²⁰ e *Casa de alvenaria 1*²¹ e *2*²², de Carolina Maria de Jesus, para citar diários escritos ao longo de vários anos. O estudo de códigos em diários no Brasil tem seu caso mais representativo em *Diário íntimo*,²³ de José Vieira Couto de Magalhães (1837–1998). Ao organizar os fascinantes manuscritos do general, a historiadora Maria Helena P. T. Machado comenta:

*Em meio à variedade de questões que se acham referidas no diário, duas surgem como fundamentais ao encadeamento mesmo do relato cotidiano. São elas, em primeiro lugar, as relacionadas à saúde e aos cuidados médicos, e, em segundo, as relacionadas à sexualidade e às atividades sexuais propriamente ditas, a maioria das quais se encontra em tupi ou em código.*²⁴

Outro estudo brasileiro relevante sobre a escrita que esconde é o ensaio “A cifra e o corpo: as cartas de prisão do Marquês de Sade”, em que a citada pesquisadora Eliane Robert Moraes comenta o sistema elaborado por Sade nas cartas durante os anos em que esteve encarcerado em Vincennes. A correspondência passava

16 DIDIER, B. **Le journal intime**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991, p. 8. Tradução minha.

17 SIMONET-TENANT, 2004, p. 38.

18 FURTADO, L. M. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**: Prosa Completa e Poesia, Livro 2. São Paulo: Editora Uirapuru, 2019.

19 MORLEY, H. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

20 JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). 1ª edição. São Paulo, Ática, 2020.

21 Idem. **Casa de alvenaria**, volume 1: Osasco. 1ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

22 Idem. **Casa de alvenaria**, volume 2: Santana. 1ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

23 MAGALHÃES, J. V. C. de. **Diário íntimo**. Organização: Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

24 MACHADO, M. H. P. T. In: MAGALHÃES, 1998, p. 23.

pelo exame da censura, razão pela qual o escritor desenvolve “um misterioso código ao qual ele aludia como ‘sinais’”²⁵. Na criação das cifras, a pesquisadora percebe o recurso como uma estratégia de sobrevivência:

*O empenho obsessivo de Sade em decifrar esses sinais representava, sem dúvida, uma estratégia mental do prisioneiro para suportar a solidão do cárcere. Seus biógrafos o confirmam: Gilbert Lély interpreta essa “psicose de cifras” como uma espécie de reação de defesa de seu psiquismo, uma luta contra o desespero no qual sua razão poderia submergir sem o socorro de um tal derivativo [...].*²⁶

Feito esse percurso estratégico pelo mundo cifrado dos diários, nota-se a convergência entre as escritoras do uso da cifra como possibilidade de superar as restrições que recaem sobre o gênero feminino. A análise do modo como o termo “política” aparece nos diários de Maria Isabel Silveira revela um padrão: a palavra é escrita fora de contexto ou deslocada, ou consta isoladamente na margem estendida da parte superior (acima da primeira linha) ou nas margens laterais, como é possível observar nas imagens aqui reproduzidas.

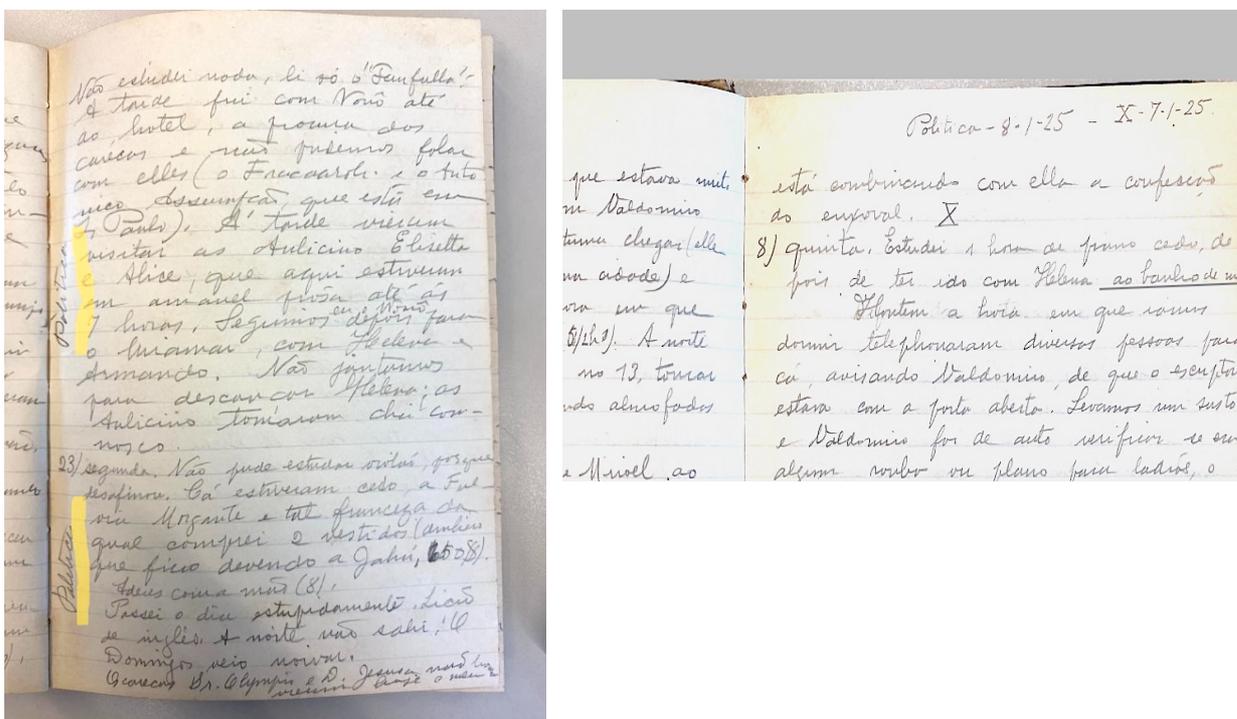


Fig. 2 e 3. Diário de Maria Isabel Silveira. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.

Além disso, pode ocorrer do vocábulo receber um reforço ao fazer parte do texto da entrada: “[...] À noite apareceu a **política** e fui com Valdomiro e Julieta passear no bonde 13” (5 de fevereiro); “[...] Dormi chorando muito aborrecida. **Política.**” (24 de agosto); “[...] Horacinho quer que eu vá para o Rio quinta-feira com ele. Quem sabe!

25 MORAES, 2011, p. 64

26 Ibidem.

Política.” (21 de setembro) e “sexta. **Política.** Não saí de casa. Choveu muito à noite. Deitei-me cedo.” (11 de dezembro). Enquanto o foco da pesquisa se deteve na gênese da escrita diarística, abrangendo os diários mais antigos, aqueles em que Maria Isabel dedica-se a registrar o dia a dia dos filhos até chegar ao primeiro em que escreve sobre si mesma, o significado do termo “política” permaneceu fechado para mim. Levantei a hipótese de que pudesse ser uma anotação para marcar os dias em que Valdomiro precisasse se ausentar do convívio familiar para resolver assuntos políticos — além de escritor e advogado, Valdomiro foi secretário da Educação do Estado de São Paulo, deputado estadual pelo mesmo estado e vice-presidente da Constituinte Paulista —, pois havia o indiciamento de um incômodo, uma insatisfação de Maria Isabel associada ao termo, como no comentário: “Estou muito nervosa e aborrecida cousas da política” (5 de março de 1926, diário de Maria Isabel Silveira), que possibilitava essa linha de leitura. Porém a hipótese não se sustentou. Idealizei uma peça que não correspondia ao espaço justo do quebra-cabeça.

Ao finalizar o mestrado e tendo percorrido os 62 diários, elegi como foco da tese o diário de 1932. Nele está evidente a construção de uma narrativa performática aderida a um posicionamento político. Ao voltar ao ambiente do arquivo, fui tomada por uma dúvida excruciante: como enfrentar o mar de diários? A dúvida e a angústia se justificavam com base no volume de cadernos deixados por Maria Isabel. Philippe Lejeune²⁷ descreve o espírito que move o leitor de diários próximo ao do *voyeur*, mas apenas do espírito de *voyeur* um pesquisador de diários não sobrevive. Há que se ter uma boa dose de paciência também. Afinal, como o próprio Lejeune demonstra, o diário é uma prática, não se alimenta apenas da matéria narrada, mas de um mecanismo que enseja a repetição e a fragmentação. Guiada por esse princípio, decidi intuitivamente, solidária à diarista, me guiar pela regularidade, e sem saltar os anos, retomei o fio da escrita linha por linha.

O parêntesis metodológico do parágrafo anterior importa para explicar o percurso da descoberta para o termo “política”, que ocorreu devido ao acúmulo da leitura, quando fui notando, ao longo das páginas, ou seja, do tempo, um afrouxamento: se antes o termo aparecia isolado, estéril, ele passou a se desdobrar mais e mais: “Violão e descansei todo o dia em **repouso político**” (28/02/1928); “Dor de cabeça **apoliticada**” (5/1/1928); “Passei o dia com cabeça quente e com forte pressão na nuca, **devido a política**, que só apareceu depois de um escalda pés e uma cafiaspirina” (21/05/1928); “Não dei lição de canto por **motivos políticos**” (24/11/1928). Finalmente, quando li, na margem esquerda da entrada do dia 31/03/1929, “**Política inesperada**”, a chave destrancou o código. O “inesperado” me conectou imediatamente com o ciclo menstrual, que, embora cíclico, repetitivo, é simultaneamente imprevisível. A partir de então, bastou substituir a menstruação nas ocorrências do termo para testar e comprovar a hipótese: “Política inesperada desde ontem (e muito esquisita).” (01/04/1929); “Tive uma forte pressão todo o dia na cabeça (política)” (01/05/1929); “Política esquisita e inesperada, sem continuação, creio que amanhã não haverá mais nem vestígios...” (23/05/1929); “(política ainda continua)”

27 LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. In: _____. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.** Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

(25/05/1929); “Passei o dia deitada, em repouso devido a política que anda violenta” (22/06/1929); “Continuo ainda com política violenta e assim cheguei do cinema, tomei um banho bem quente pus a bolsa de água quente e me deitei no divã, onde fiquei até a hora de dormir” (23/06/1929). A peça se encaixou precisamente.

Meu lado *voyeur* me faz acrescentar um segundo parêntesis que reforça o entendimento do tabu em torno da menstruação, igualmente verificável em diários pessoais de mulheres. Durante minha pesquisa no Arquivo do IEB, tive contato com os diários de Aracy Guimarães Rosa (1908–2011), funcionária do Itamaraty e segunda esposa do escritor Guimarães Rosa. Em seus diários do período de 1951 a 1955, assim como Maria Isabel Silveira, Aracy também se utilizou de um código (o símbolo da suástica) para camuflar seu ciclo menstrual. Junto ao símbolo desenhado nas margens laterais, ela acrescentava breves comentários: “começou pela manhã”, “pouco”, “forte”, “regular”, “menos”, “pingos”, “de manhã”, “veio à noite”, “pingos forte”. A informação, apesar de não ter sido publicada até hoje, veio a público e circula nos bastidores do Arquivo, tendo como fonte a professora doutora Neuma Cavalcanti, da Universidade Federal do Ceará, que conheceu pessoalmente a diarista, mas a comprovação é perceptível tendo os diários em mãos.

Desde sempre, as mulheres foram instruídas a esconder seu estado menstrual; portanto é possível antever a menstruação fazendo as vezes de tabu: “uma proibição antiquíssima, que um dia foi imposta do exterior”.²⁸ “Cultural e secularmente, o sangue menstrual é entendido como uma contaminação que exige que as mulheres menstruadas, então consideradas perigosas e impuras, o escondam e se escondam”.²⁹ A antropóloga Françoise Héritier³⁰ levanta a hipótese de a diferença entre a perda de sangue involuntária na menstruação e a perda de esperma controlável nos homens ser a “valência diferencial dos sexos”; as perdas de sangue dos homens durante a caça ou na guerra são vistas como atos de coragem. Por outro lado, o sangue que escapa do corpo da mulher durante a menstruação é um fenômeno que não se pode impedir.

*Atribui-se assim um valor desigual às existências masculina e feminina: por um lado, a atividade de quem decide sobre a emissão do fluido seminal, de outro, a passividade de quem só pode sofrer a efusão corporal; de um lado, o sólido e o permanente, de outro, a fluidez e o instável; de um lado, o superior e o dominante, de outro, a inferioridade e a submissão. É assim que a diferença originalmente biológica entre os sexos se torna social, fundando uma relação sempre hierárquica entre o masculino e o feminino que coloca a primazia sistemática do primeiro sobre o segundo.*³¹

28 FREUD, S. **Totem e tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução: Paulo César de Souza – 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 30.

29 FROIDEVAUX-METTERIE, C. **Un corps à soi**. Paris: Éditions du Seuil, 2021, p. 198. Tradução minha.

30 SZTUTMAN, R.; NASCIMENTO, S. Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier. **Revista de Antropologia**, v. 47, n. 1, p. 235-266, 2004.

31 FROIDEVAUX-METTERIE, 2021, p. 199. Tradução minha.



Fig. 4. Retrato de Maria Isabel Silveira, 1910.
Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira.

Inserida em uma sociedade burguesa fortemente assimétrica em que os papéis sociais e morais pesavam e atravessavam a sua escrita, Maria Isabel escolhe o termo “política” para esconder seu estado fisiológico e advêm da leitura dos diários os elementos para construir as possibilidades de associação. Freud, em *Totem e tabu*, seu estudo sobre a compreensão do “enigma do tabu”, em que equipara a investigação das sociedades originárias (principalmente os povos polinésios) com as proibições obsessivas dos neuróticos, observados em casos psicanalíticos, apresenta conceitos que veem no tabu o duplo sentido, uma ambivalência. Na raiz do tabu, como explica Freud, encontra-se simultaneamente a ideia de opostos: desejo e contradesejo.

“Tabu” é uma palavra ambivalente em si mesma, e acreditamos, a posteriori, que o sentido comprovado do termo já permite supor o que se obteve como resultado de ampla pesquisa, que as proibições do tabu devem ser vistas como produto de uma ambivalência emocional.³²

Se o tabu manifesta-se predominantemente em proibições, é admissível a reflexão segundo a qual ele seria evidente por si mesmo e não necessitaria de amplas provas tomadas da analogia com a neurose, que ele teria em seu fundo uma positiva corrente de desejo. Afinal, não é necessário proibir o que ninguém deseja fazer, e, de todo modo, o que se proíbe enfaticamente deve ser objeto de um forte desejo.³³

A dimensão do inconsciente, do parapsicológico e do sobrenatural está presente nas páginas do diário de Maria Isabel Silveira que, como sua mãe, Maria da Glória

32 FREUD, 2013, p. 65.

33 Ibidem, p. 69.

Quartim de Moraes, foi criada sob a religião católica, mas incorporou a diversidade da religiosidade brasileira. O tabu com relação ao ciclo menstrual, decorre, de um lado, por ser da esfera daquilo que a mulher aprende a esconder e, por outro, por povoar o universo do mistério e do medo do desconhecido, que tanto atraem a escritora. Nos diários mais antigos de Isabel, aqueles que contam o dia a dia dos filhos, lê-se sobre os batizados de cada um deles. Concomitantemente, os diários registram a crença de Isabel no espiritismo, em cartomantes, na astrologia, em superstições variadas: “Tirei os arcanos dele”; “Continuei a minha promessa, fui com Maria terminar hoje a dita promessa.”; “Recebi o meu horóscopo”; “O sr. Heine Hans também veio visitar-nos nesse momento e a minha cozinheira (Pureza) está disposta a tratar do braço torcido dele e fez o primeiro curativo e rezou”; “Tirei os arcanos de todos e li as mãos. Não me deixaram quieta. Viemos de auto buscar os livros que disso tratam”. Estão presentes nos diários o sincretismo religioso tipicamente brasileiro e a crença em uma dimensão regida por uma força desconhecida, que contribui para a ideia de ambivalência conferida ao código “política”.

A menstruação aparece dissimulada por um termo que exerce grande fascínio em Isabel, a política, como o Diário de 1932 explicitará. Lidos sob a perspectiva do jogo que esconde, disfarça e se apoia em ambivalências e contradições, os diários se apresentam dotados de uma boa dose de impostura. Para esse salto analítico, examino a relação de fascínio que Isabel estabelece com os assuntos políticos, especificamente com os acontecimentos envolvendo a Revolução Constitucionalista. A escrita adere ao papel ideologicamente esperado de uma mulher burguesa que se mobiliza diante desse importante acontecimento histórico e social (a imagem abaixo faz parte da documentação preservada no Fundo Valdomiro Silveira):

10) domingo. Revolução em S. Paulo. Esta é que é a verdadeira... S. Paulo cansado de aturar a imbecilidade do Getúlio Vargas que não quer a Constituição tão cedo, empobrecendo S. Paulo e produzindo males incalculáveis, como milhares de famílias empobrecidas e[,] de acordo com os tenentes[,] estão roubando sem descanso o Brasil que é S. Paulo, pois este é o estado que trabalha e tem dinheiro. Foi o mais vergonhoso assalto à bolsa dos paulistas que se levantaram num só assomo para morrer ou vencer estes bandidos. Amílcar se alistou e trabalhará esta noite. Já está armado, bem como todos os paulistas que estão se alistando em massa. Passamos horas em casa de Júnia, e ouvimos os comunicados de S. Paulo sobre a marcha dos acontecimentos que estão se desenrolando de uma maneira empolgante em S. Paulo. Os jornais estão fazendo tiragens extraordinárias, informando o povo. Pedro de Toledo desistiu da interventoria e foi proclamado governador de S. Paulo debaixo das mais estrepitosas manifestações do povo, que anda até às altas horas da noite pela rua aguardando os acontecimentos e pronto para tudo. Rio Grande, Mato Grosso, Goiás (este é que principiou primeiro com S. Paulo) e a safada de Minas Gerais também se pôs ao nosso lado, porque percebe que venceremos... O povo andava desesperado! O café que é a nossa maior riqueza, sem propaganda no estrangeiro e sendo queimado milhares de sacas diariamente. A sua completa desvalorização pela inépcia e descuido dos intermediários e produtores

que não cuidavam da boa qualidade e sem apoio do governo levou o Brasil à ruína, que agora com dificuldade se levantará. É preciso intensa propaganda e fazerem seleção dos tipos. E os mineiros arranjaram um jeito de fazer com que os paulistas prejudicando o porto de Santos, escoassem o café por Angra dos Reis, que é mais barato o frete e chega mais depressa ao seu destino (porque eles pretendem esse porto, para terem um porto de mar), de modo que primeiro eles querem arranjar bastante freguesia. Enfim, tudo andava de mal a pior! Paga-se por uma saca (só para entrar no porto de Santos 76 mil réis e nos portos consumidores 1 conto de réis numa saca).

Valdomiro traz os jornais que vou guardar com a posse de Pedro de Toledo e todos os acontecimentos do **dia glorioso**. Não saí de manhã. Fomos à casa de Júnia com Pichuchú e Valdo; voltamos de bonde, às 5 e meia da tarde. Não saímos à noite. Amílcar veio nos contar as novidades dadas **pelo rádio**. As meninas foram servir no chá da Gotta de Leite.³⁴



Fig. 5. Cartão postal encontrado em meio aos diários de Maria Isabel Silveira. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira.

Um dia após a eclosão da rebelião paulista, a entrada assume um tom retumbante ao elencar as principais justificativas para a insurgência. Claramente, a memorialista se insere na classe letrada que se forma e se informa pelos meios de comunicação, como os jornais e o rádio. Os diários de Isabel se inserem em uma cultura republicana paulista que, segundo o historiador James P. Woodard, “abarcava um

34 Diários de Maria Isabel Silveira, 10/07/1932.

senso de diferenciação regional que se aproximava de, e em alguns pontos se tornava, um patente chauvinismo”.³⁵

14) sexta. Tempo firme e lindo! As notícias de S. Paulo são de **entusiasmar**: há um **verdadeiro delírio**! Todos querem partir para o “front”. As senhoras estão numa **atividade única**; e tudo está sendo organizado perfeitamente e os donativos em dinheiro e gêneros estão **formidáveis**. **Nunca se viu tamanho desprendimento!** [N]a “Una você”³⁶ todos trabalham para servir. Já houve ontem o primeiro encontro e **já começa a correr o sangue dos paulistas**. Minas está à espera de ver quem vence, para se lhe colocar ao lado e viver **mamando na nação**, ela que tem no seu solo as maiores riquezas... Está fazendo o papel de sempre... Não estranho. O Rio Grande que estava ao **nosso** lado e vivia nos afirmando a mais completa solidariedade parece que está morto. De lá ainda continua a se ouvir apenas a voz de Raul Pilla, até que se derrame o nosso sangue todo... **Brasileiros indignos de tão bela terra!** Eu e Júnia, que cá veio buscar-me para irmos procurar mais fazenda para fazer-se os distintivos da “Milícia cívica santista”. Andamos recorrendo [a] todas as lojas e nada! Ela, Isa e outras moças já fizeram 225 e como só pediram 34\$000 para esse fim calcularam mal e ficaram sem serviço. Afinal, à tarde Amílcar deu ordem para vir mais fazenda e lá passaram elas o dia a **trabalhar como loucas**.³⁷

19) terça. Dias lindos de sol! Parece que até isso ajuda os paulistas... Tudo vai indo **muito bem**. O **entusiasmo** pela causa da constitucionalização do Brasil continua empolgante. Nunca se viu igual... Todos querem ser os primeiros a partir! Velhos de mais de 60 anos querem se alistar e crianças querem ir também, nem que seja com estilingues. A todo o momento se dão cenas nesse gênero de impressionar. É uma só alma que vibra... E todos numa alegria estranha... Parece que só ansiavam o primeiro grito, para se desabafarem... Valdo está em Lorena, escreveu Alice, de Campinas, dizendo que viu o nome dele no jornal e que foi para lá com outros colegas em serviço de embarque de soldados. Não nos escreveu ainda. Nem por um minuto pensei em impedir-lhe a partida e a minha única tristeza é não mandar também o Miroel, que continua em tratamento. Valdomiro proferiu uma exortação aos adversários em poucas palavras que foi muito apreciada. Amanhã ele irá falar, fazendo um apelo aos intelectuais do Brasil e que será mais longo que essa exortação. Passei o dia muito atrapalhada com pessoas que me vinham falar (as Camargo e outras). Mande

35 WOODARD, J. P. **Um lugar na política**: Republicanismo e regionalismo em São Paulo. Tradução: Ana Maria Fiorini. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, p. 18.

36 Pela leitura do jornal *A tribuna* da década de 1930, depreende-se que a “Una você” era uma espécie de agremiação ou associação, conforme ocorrência na página 3 da edição de 15 de janeiro de 1930.

37 14 de julho de 1932, diário de Maria Isabel Silveira.

3 bolos, que mandei fazer (por uma mulher muito simpática que se ofereceu como cozinheira) e ofereci a Milícia Cívica Santista.³⁸

No aspecto formal, é interessante notar o quanto a escrita se avoluma no ano da Revolução Constitucionalista e se diferencia com relação a um estilo mais telegráfico que prevalece em algumas entradas de anos anteriores a 1932. Em vários registros anteriores, Isabel faz uma espécie de listagem dos acontecimentos, com poucos comentários, como no exemplo: “19) terça. Praia. D. Elsa conversou bastante comigo. Costura, crochê, chuva; à noite ninguém saiu. Dei 20\$000 ao Béco”.³⁹ Em 1932, as entradas reagem a uma excitação que mobiliza Isabel; cada linha produzida deseja fazer parte de algo maior. As 498 páginas que compõem o diário deste ano parecem ter sido preenchidas vorazmente. A escrita quer interferir, ainda que não saiba como, pois, na superfície, a política, para as mulheres como Maria Isabel, é um campo inalcançável, um espaço interdito, sobre o qual ela pensa ser testemunha, e não agente, como se sua única possibilidade de agência estivesse no espaço criado nos diários pela escrita. A escrita resiste às perturbações e os diários não recuam. Os diários sobrevivem e não sucumbem às opressões, porque a escrita encontra um local para performar e mimetizar uma autenticidade que se impõe como porta-voz de uma elite paulista em uma estratégia auto representacional.

A matéria política exerce um poder sobre a escritora por ser um espaço inusual, que produz inquietação, um campo proibido, impuro e perigoso, mas também sagrado. Os diários, como prática de si, se transformam em um arquivo convidativo para uma leitura apoiada em um projeto feminista. Na expressão que se materializa nos diários, Maria Isabel corporifica possibilidades limitadas e determinadas pelas convenções históricas. A escrita se apresenta como meio de constituição de um sujeito moral e social que, por meio da linguagem e do espaço concebido nos diários, organiza sua identidade, “uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos”.⁴⁰ Além da prática de reiterar, por meio da escrita, sua posição de mulher burguesa, comprometida com os papéis que lhe são esperados, nos registros do cotidiano flagramos modos de compelir o corpo feminino a uma noção histórica de mulher. Leem-se os padrões sociais que ditavam e reconheciam, através do corpo, a identidade feminina, ou seja, o corpo generificado:

*16) sábado. Choveu com poucas intermitências. Passei o dia **consertando roupa**, depois das 2 horas da tarde, porque estive **toda a manhã no cabelereiro fazendo ondulação permanente pelo sistema antigo e durante 4 horas sofri socos e murros na cabeça, voltei com dores nela que custaram a passar.**⁴¹*

38 19 de julho de 1932, diário de Maria Isabel Silveira.

39 Diários de Maria Isabel Silveira, 19/01/1932.

40 BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras** n° 78. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018, p. 3.

41 Diários de Maria Isabel Silveira, 16/01/1932.

[...] Convidaram-nos para irmos almoçar na Ilha, no dia 6, para comermos costeletas de carneiro criado lá mesmo. Valdomiro voltou de S. Paulo com Belkiss e Miroel no último trem. Foram visitar a família. A Isa não quis vir.

Estou fazendo ginástica para tirar o ventre. Acabei de ler *La vita comincia domani* de G. de Verona e estou lendo uma peça de teatro de Giacosa (*“La signora di Challant”*).⁴²

22) segunda. Passei a noite com dor no fígado, creio que foi o **excesso de ginástica, para diminuir o ventre.** Quando de manhã ia passando por um sono ouvi o Valdo cantar e levantar-se para ir embarcar e fui preparar o café para ele e o Sylvio que veio dormir aqui para irem no 1º trem.⁴³

Os diários formam um rico arquivo em que se observam atos reproduzindo expectativas arraigadas de existência generificada que as teorias feministas – particularmente, o conceito de performatividade de gênero – ajudam a analisar:

*Ao desenvolver meu argumento, vou partir de discursos teatrais, antropológicos e filosóficos, mas sobretudo da fenomenologia, para mostrar que a chamada identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções e tabus. É precisamente no caráter performativo da identidade de gênero que reside a possibilidade de questionar sua condição reificada.*⁴⁴

*Em outras palavras, uma sedimentação de normas de gênero produz o fenômeno peculiar de um sexo natural, ou de uma verdadeira mulher, ou de uma série de ficções sociais prevalentes e imperativas, uma sedimentação que, ao longo do tempo, produz um conjunto de estilos corporais que, de maneira reificada, tomam a forma de uma configuração natural de corpos em sexos que existem em uma relação binária uns com os outros.*⁴⁵

A análise do código “política” procurou demonstrar como as estruturas de opressão de uma sociedade patriarcal incidem sobre a escrita das mulheres. A constituição de uma voz autoral e da representação da subjetividade enfrenta obstáculos (como as prescrições sociais e os tabus), mesmo em um espaço de escrita privada, como o diário. Durante a insurgência paulista, em 1932, a voz que emerge dos diários encontrou na adesão ideológica o material propício para tornar o diário um espaço de performance. A construção das figuras da mãe, da esposa e da mediadora aparecem reiteradas e valorizadas em detrimento da dimensão íntima, do corpo da escritora, por exemplo, que consta submersa até o próximo leitor descobri-la.

42 Diários de Maria Isabel Silveira, 02/01/1926.

43 Diários de Maria Isabel Silveira, 22/02/1926.

44 BUTLER, 2018, p. 3.

45 Ibidem, p. 8.

Referências

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Traduzido por Jamille Pinheiro dias, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras** n° 78. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Veronica Damielli e Daniel YagoFrançoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.
- DIDIER, Béatrice. **Le journal intime**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos**. Tradução: Paulo César de Souza – 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- FROIDEVAUX-METTERIE, Camille. **Un corps à soi**. Paris: Éditions du Seuil, 2021.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Diário Íntimo**. Organização: Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MORAES, Eliane Robert. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2011 (63-68 pp.).
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. V. 9. Número 18. Ago./set.89.
- SIMONET-TENANT, F. Cartas e diários de mulheres: uma função memorialística? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 68, 84-100, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i68p84-100>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- SIMONET-TENANT, Françoise. **Le journal intime**. Genre littéraire et écriture ordinaire. Paris: Téraèdre, 2004.
- SZTUTMAN, R.; NASCIMENTO, S. Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier. **Revista de Antropologia**, v. 47, n. 1, p. 235-266, 2004.
- WOODARD, James P. **Um lugar na política: Republicanismo e Regionalismo em São Paulo**. Tradução: Ana Maria Fiorini. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Tradução e Notas: Tomaz Tadeu. 2ª ed.; 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.